

CINEMA EXPANDIDO: ESTRATÉGIAS E CONCEITOS AUDIOVISUAIS

Maria Henriqueta Creidy Satt *

Resumo

Cinema expandido: estratégias e conceitos audiovisuais é a especialização oferecida pelo Programa de Pós-Graduação da FAMECOS/PUCRS. O curso se destina à reflexão da dinâmica do universo audiovisual contemporâneo, bem como a orientar o aluno no desenvolvimento de um trabalho teórico ou nas diretrizes conceituais de um projeto prático.

Palavras-chave

Cinema expandido - Estratégias - Conceitos audiovisuais

Do pré-cinema ao pós-cinema, como periodiza Arlindo Machado², a arte do movimento nasce e se mantém até hoje sob os signos da revolução e do experimentalismo. Entre os tempos transcorridos dos seus primórdios à era digital, o campo cinematográfico sofre transformações que abalam suas expressões técnicas, estéticas e conceituais. Uma história de produção e expressão do imaginário coletivo criada, sobretudo, por “sujeitos possuídos pela imaginação”³.

Proposto de forma visionária por Gene Youngblood⁴, na década de 70, o termo *cinema expandido* expressa esse alargamento que a concepção de cinema vem sofrendo nas últimas décadas, priorizando a convergência das linguagens no meio audiovisual. O *kinema*, entendido em sua etimologia de (escrita do) movimento, se desterritorializa, reaparece em novos cenários e amplia sua abrangência para além das salas tradicionais de exibição. Ambientes virtuais, vídeo-arte, *sites specifics*, instalações, *generative art*⁵, entre tantas outras formas de manifestações, desenham o complexo território cinemático contemporâneo.

As idéias de expansão e convergên-

Abstract

Expanded Cinema: strategies and concepts visual specialization is offered by the Post-Graduation FAMECOS/PUCRS. The course is intended to reflect the dynamics of contemporary audiovisual universe, and to guide students in developing a theoretical or conceptual guidelines in a practical project

Key Words

Expanded cinema - Strategies - Concepts audiovisual

cias desdobraram-se nas últimas décadas no campo arte-mídia e fora dele⁶. Em oposição a Youngblood, o pesquisador André Parente⁷ concebe o *cinema expandido* restrito à esfera das instalações. Para ele há duas vertentes: as instalações que reinventam as salas de cinema em outros espaços e as instalações que radicalizam processos de hibridização entre diferentes mídias. “O cinema expandido é o cinema ampliado, o cinema ambiental, o cinema hibridizado”⁸.

Em tal acepção e levando em consideração a relação do espectador com as obras, *cinema expandido* pode ser pensado também como *Transcinemas* – conceito criado por Kátia Maciel⁹ – que focaliza a recepção das artes audiovisuais, o lugar no qual “o espectador experimenta sensorialmente as imagens especializadas de múltiplos pontos de vista, bem como pode interromper, alterar e editar a narrativa em que se encontra imerso”.

Na esteira das convergências, Raymond Bellour explora a noção de *passagens*, ou seja, a relação entre as imagens, entre a fotografia, o cinema, o vídeo e as mídias digitais. *Entre-imagens*, portanto, pensadas

como um espaço mestiço e de configurações pouco previsíveis. O vídeo, no olhar de Bellour, é o grande operador dessas passagens, o que nos fez entrar num outro tempo da imagem: um tempo em que a inclusão, o diálogo e as *passagens* de um a outro *meio* configuram o novo estado da arte e das mídias. Um tempo da impureza, marcado por um regime de miscelâneas onde as imagens deslizam umas sobre as outras¹⁰.

O vídeo-arte, por mais exterior que seja ao cinema, não pode ser apreendido sem referência ao que o altera – o cinema assim como as outras artes (artes plásticas, música) em suma, tudo de onde ele provém e para onde ele volta sem cessar¹¹.

PEDAGOGIA DO OLHAR: A FRONTEIRA COMO UM LUGAR DE PASSAGEM

Contudo, é falacioso pensar que o atual fenômeno convergente das artes mídias possibilitado, em grande parte, pelas novas tecnologias, traga consigo a profecia da “morte do cinema”. *Quarto 666*, de Wim Wenders, realizado no Festival de Cannes, em 1982, é emblemático nesse aspecto. O dispositivo que Wenders aciona para a produção do filme é aparentemente simples, convocando ao quarto 666 cineastas como Antonioni, Chantal Akerman, Herzog, Godard, entre outros, para darem seus depoimentos sobre o incerto futuro do cinema.

A besta-fera desdobra-se nas figuras da televisão e do vídeo. Vivemos a era da morte da arte cinematográfica? Os filmes estão ficando cada vez mais televisivos? Os videocassetes vão acabar com as salas de cinema? São algumas perguntas de Wenders. Vistas hoje, essas questões podem parecer pueris e até mesmo anacrônicas. O próprio Wenders viria a incorporar o vídeo nas suas narrativas, a partir de 1994, com “O céu de Lisboa”. Mas essa “passagem” se faz não de forma neutra nos filmes do diretor alemão. A câmera e a textura da imagem-vídeo surgem como personagens, como a reflexão e expressão de um espírito do tempo. O vídeo

incorpora-se aos filmes de Wenders não como um objeto, mas como um estado. “Um estado da imagem. *Uma forma que pensa*. O vídeo pensa o que as imagens (todas e quaisquer imagens) são, fazem, ou criam”¹².

Em sua 16ª edição, o Videobrasil, um dos mais importantes festivais internacionais de arte eletrônica, propõe-se investigar as aproximações entre cinema, vídeo e arte. O tema do festival, “*Limite: movimentação de imagem e muita estranheza*”, inspirou-se no longa-metragem *Limite*, de Mário Peixoto, obra-prima realizada em 1931, “como marca de uma zona de corte, mas também de cruzamentos entre o cinema do passado e o devir que traz suas variáveis de criação e consumo tecnológico”¹³. Pela voz dos curadores, *Limite* ilumina relações que se desdobram em imagens expandidas e narrativas múltiplas. “Tomamos o filme, aqui, como uma obra-acontecimento, responsável por introduzir no cinema e no audiovisual brasileiro toda ordem de hibridizações e estratégias”¹⁴.

Nessa mesma direção, o *Le Fresnoy Studio National des Arts Contemporains*, centro de produção e pesquisa francês dedicado às novas tendências em arte audiovisual, costuma convocar cineastas para realizarem seminários e conferências. Uma dessas experiências está registrada no documentário “Onde jaz o teu sorriso”, do diretor português Pedro Costa, que coloca em cena o rigor e o experimentalismo de Jean-Marie Straub e Daniele Huillet. Na presença dos alunos do Le Fresnoy, a dupla de cineastas monta uma terceira versão de *Sicilia!*, em uma demonstração da “pedagogia straubiana”¹⁵, a arte tecida na resistência às fórmulas fáceis. “Há muito que tendes sede do que é invulgar. Por isso, atrevei-vos!”, professa Jean-Marie à platéia de jovens artistas.

PEDAGOGIA DA ESTRANHEZA

Com vistas à realidade da confluência das novas narrativas, ao criarmos nossa especialização, estabelecemos princípios que nos

pareceram decisivos. Como pensar, criar e produzir imagens? Como desenvolver um olhar crítico diante de um mundo exacerbado pelo ostensivo espetáculo midiático? Essas indagações nos levaram a enfatizar a interdisciplinariedade e a estabelecer um diálogo entre o cinema, a arte contemporânea, a antropologia, a webarte, a filosofia, o documentário, o jornalismo e a publicidade. Ao articularmos esses campos de conhecimento, desejamos preparar o aluno para criar projetos mais elaborados e em sintonia com as tendências contemporâneas. Pautamos nossa preocupação em mapear um repertório audiovisual que privilegia o experimental e as obras menos convencionais.

Na área do cinema, as disciplinas irão abordar as experiências radicais das cinematografias asiática, européia e norte-americana; as experimentações no cinema brasileiro; a reflexão sobre as potencialidades da montagem e do roteiro; as sintonias entre pintura e fotografia, e também as estratégias conceituais de produção. Apresentaremos ainda a discussão do documentário experimental, da antropologia visual e da filosofia de Deleuze, refletindo sobre a imagem-tempo no cinema iraniano de Abbas Kiarostami.

O diálogo com o campo das artes visuais abarca a webarte, que analisa as formas artísticas que utilizam a Internet; os movimentos vanguardistas da década de 1920 e sua influência nas linguagens contemporâneas; o vídeo-arte, em suas tensões e confluências com o dispositivo cinematográfico e a investigação de uma nova estética das narrativas pós-modernas.

Para pensarmos a relação entre narrativas e novas tecnologias, trazemos um estudo dos novos meios e modos de representação audiovisuais, refletindo sobre suas características, legados e diferenças em relação aos meios tradicionais. Nesse campo, um outro ponto de interesse é tangenciar modelos alternativos àqueles das grandes redes de comunicação, aproximando-nos das

experiências dos vídeo-blogs e do cinema autônomo, que dispensa equipes no encontro do realizador com o mundo.

Contamos também com a presença de importantes professores convidados. Jorge La Ferla, da Universidade de Buenos Aires, irá proferir a aula inaugural do curso com uma palestra sobre “o cinema depois do cinema”. César Migliorin (UFF/RJ) estará conosco em maio e ministrará um curso sobre “política e criação nas artes e no cinema”. Em agosto, Consuelo Lins (UFRJ) irá ministrar um seminário sobre “documentário e arte contemporânea”. E, por fim, em outubro, teremos a presença da pesquisadora, crítica e realizadora Ilana Feldman (USP), abordando as “estéticas realistas da representação”.

Não menos essencial é o corpo docente local formado por cineastas, publicitários, artistas visuais, filósofos, antropólogos e jornalistas. Entre eles estão nomes como Carlos Gerbase, Bernardo de Souza, Elaine Tedesco, Cristiane Freitas Gutfreind, Fabiano de Souza, Eduardo Wanmacher, Lenara Verle, Roberto Tietzman, Gustavo Spolidoro, Rafael Devos, Rosana Fernandes, Vitor Necchi, Luciana Lima, Maria Henriqueta Satt, Aletéia Selonk, Glênio Povoas, Ivana Verle e Milton do Prado.

Com essa estrutura, esperamos provocar um olhar problematizador que, por um lado, estranhe as imagens familiares com as quais estamos em contato cotidianamente e, por outro, familiarize-se com um repertório imagético diferenciado, que provoque estranheza por sua dissonância em relação aos modelos mais convencionais. Da mesma forma, traçamos um percurso de estudo das diferentes experiências audiovisuais sob a perspectiva de suas especificidades, bem como de seus possíveis diálogos e dissoluções de fronteiras. Acreditamos que esse trânsito, entre conceitos, estéticas e narrativas, possa contribuir para a compreensão da dinâmica que rege as convergências e inter-relações desse universo da imagem

em movimento.

IMAGENS ABERTAS AO INDETERMINADO

A aposta inovadora de nossa especialização é a de que o aluno, ao ingressar, tenha já uma idéia do trabalho audiovisual que irá desenvolver durante o curso. As propostas podem direcionar-se a um ensaio teórico ou a uma reflexão que resultará em prática. Um ponto relevante de nossa filosofia pedagógica é de que os projetos pessoais sejam tratados como trabalhos em processo, como obras abertas aos imponderáveis e à criação de novos sentidos.

Dessa forma, ao final de cada disciplina, o aluno desenvolverá uma atividade na qual irá estabelecer um diálogo entre o seu projeto pessoal e os conteúdos apreendidos, em um estado de permanente construção e ressignificação de sua obra. A monografia final, apresentada a uma banca de especialistas, também persegue esse espírito ensaístico, mas com regras menos rigorosas em relação ao padrão acadêmico, podendo, inclusive, ser em formato audiovisual.

MAIS INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

www.pucrs.br/famecos/pos/cinemaexpandido

e-mail: cinema.expandido@pucrs.br

NOTAS

* Coordenadora do curso de especialização Cinema Expandido da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. E-mail: cinema.expandido@pucrs.br

2 MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas & pós-cinemas**. Campinas: Papyrus, 1997. A acepção do conceito de pré-cinemas desenvolvida pelo autor é mais ampla do que a empregada neste artigo. Ele parte das manifestações visuais pré-cinematográficas, filiando-se à percepção de que “a idéia do *cinema* é perseguida ao longo do pensamento e das formas de expressão do homem” (p.10).

3 BAZIN, Andre. **Qu’est-ce que le cinéma ?** Paris: Cerf, 1981, p. 24.

4 YOUNGBLOOD, Gene. **Expanded Cinema**. New York: P. Dutton & Co., Inc., 1970.

5 Cf. BAMBOZZI, Lucas. **O fenômeno da manipulação de imagens**. Disponível em: <<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2555,1.shl>>

6 Cf. MACHADO, Arlindo. **Arte e mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007. O autor observa que a idéia de expansão se alastrou nas últimas décadas, contaminando outros campos das artes, como a fotografia, a arquitetura e o vídeo. Destaco, ainda na esteira desse autor, que há importantes pensadores contemporâneos que se dedicam ao estudo das imagens híbridas, como por exemplo, Philippe Dubois e Raymond Bellour, citados mais adiante neste artigo; Jean-Paul Fargier e Anne-Marie Duguet, no contexto francês; Sandra Lischi na Itália, Peter Weibel na Alemanha e Jorge La Ferla na Argentina; o próprio Arlindo Machado, um dos autores de maior vulto internacional, bem como Lucas Bambozzi e André Parente, no Brasil.

7 PARENTE, André. A forma cinema: variações e rupturas. In: MACIEL, Kátia (Org.). **Transcinemas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009, pp. 23-47.

8 Ibid., p. 41.

9 MACIEL, Kátia. **Transcinemas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009, pp. 17-18.

10 Cf. DANÉY, Serge. **A rampa**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

11 BELLOUR, Raymond. **Entre-imagens**. Campinas: Papyrus, 1997, pp. 14-15, itálicos meus.

12 DUBOIS, Philippe. **Cinema, vídeo, Godard**. São Paulo: Cosac Naify, 2004, p.116. Referência feita em relação à obra de Jean-Luc Godard. É importante ressaltar que tanto Dubois como Bellour (e até mesmo o próprio Daney, em 1982) tomam esse cineasta como paradigma do diálogo entre cinema, vídeo e arte contemporânea.

13 LA FERLA, Jorge. Disponível em: <<http://ubaculturadigital.wordpress.com/2009/09/09/el-cine-despues-del-cine>>

14 Catálogo do 16º Festival Internacional de Arte Eletrônica. SESC-Videobrasil, 2007, p. 28.

15 DANÉY, Serge. Op.cit., p. 99.